

MÁRIO DE ANDRADE E SEU MACUNAÍMA: AUTORIA, INTERTEXTUALIDADE E MULTICULTURALISMO

Raimundo Lopes Matos
Departamento de Ciências Humanas e Letras – DCHL
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB
raimundo.matos@yhoo.com.br

RESUMO

É uma abordagem sobre Mário de Andrade e sua obra Macunaíma – o herói sem nenhum caráter. Abordam-se autoria, intertextualidade e multiculturalidade. A escolha do tema se justifica por tratar-se de um dos maiores autores do Modernismo brasileiro. Ele subverteu e ultrapassou os gêneros fixos do cânon literário. Objetiva demonstrar a influência do momento histórico às rupturas estéticas e como estas influenciaram a criação artística de Mário. Este e seu processo de criação contribuíram para uma mudança do *modus vivendi* do povo brasileiro. Este independente do direito, há 100 anos, porém, ainda, dependente de fato; e abordar temáticas igualmente relevantes como a questão do ‘autor vivo’, das práticas intertextuais, polifônicas e multiculturais.

PALAVRAS-CHAVE: literatura, cultura, gênero, intertextualidade, polifonia.

INTRODUÇÃO

Trata-se de uma incursão e ao mesmo tempo uma imersão no multiculturalismo marioandradino expresso nas páginas de Macunaíma – o herói sem nenhum caráter, obra-prima de Mário de Andrade e texto axial, na prosa, da primeira fase do modernismo brasileiro, também conhecida pelos designativos de “fase heróica” e/ou “fase de destruição”.

O trabalho objetiva abordar o processo irrompedor do autor, subvertendo e ultrapassando todas as barreiras quanto aos gêneros literários fixos e cristalizados no cânon

literário; e, além disso, demonstrar como essas rupturas nas artes são contributivas para uma mudança do *modus vivendi* de um povo e de suas práticas culturais.

Utilizam-se pressupostos teóricos da Ciência Literária e de estudos culturais. Inicia-se por uma leitura prospectiva da obra Macunaíma, à luz dos referenciais teóricos supramencionados, a fim de se compreender como se intercomplementam esses patrimônios culturais tangíveis e intangíveis, explícitos e implicitamente imbricados.

Esse percurso é mais uma contribuição para os saberes interdisciplinares, multidisciplinares, transversais e vivências multiculturais terciomilenistas, cuja denominação oscila entre “modernidade”, “ultra-modernidade”, “modernidade líquida” (leve/fluida) e “pós-modernidade”.

AUTORIA E CONTEXTO

Essa leitura, vale ressaltar, não é orientada pelo monologismo, ou seja, por uma voz única; é, porém, norteadada pelo dialogismo: vozes diversas dialogando e/ou interagindo, em termos bakhtinianos.

Em se tratando de Macunaíma, vale destacar-se, aqui, a figura geral do Autor. Este, apesar de morto em termos clássicos e tradicionais, aquele dotado de uma aura de autenticidade e originalidade quase que absolutas, e agora, com a pulverização da autoria, construída e diluída socialmente, a ponto de Roland Barthes dizer que “o nascimento do leitor deve pagar-se com a morte do Autor” (2012: p. 64), esse Autor, no entanto, está vivo. Claro que está vivo em novas configurações. A propósito, Paulo Bezerra, ao trabalhar a polifonia em Bakhtin (2010, pp. 191/200), afirma:

Bakhtin, porém, não nega o papel do autor no processo polifônico nem lhe reserva uma função secundária. Para ele o autor não é passivo, não renuncia ao seu ponto de vista e à sua verdade, não se limita a montar pontos de vista e verdades alheias; ele enfatiza a relação dialógica entre autor e personagem.

Desse modo, fica ressaltada a figura do Autor, criador artístico, como registra a semioticista Cecília Almeida Sales, por meio da Crítica Genética - estudo de manuscritos -, tratando da ressurreição do escritor: “O escritor ocupa lugar de destaque como criador e artesão, que vamos conhecendo pelo itinerário de seu caminho criativo” (1992, pp. 81/83). Assim sendo, a geneticista deixa claro a necessidade de olhar-se para o criador, a fim de se

poder ver e compreender a sua criação. Ela diz: “ao olharmos o processo criativo através das pegadas que o artista deixou, estamos, na verdade, vendo como este escritor entra em contato com o que está a sua volta. (...) O artista explora o mundo em toda sua riqueza, daí ser considerado um canibal da realidade” (Idem, 1992, p. 84).

Como se pode ver e reiterar, a modernidade literária evidencia o dialogismo e a polifonia de Mikhail Bakhtin, mostrando que um texto dialoga com outros textos e abriga vozes várias; daí, a intertextualidade de Julia Kristeva, que afirma ser o texto uma retomada de outros textos, além de “ligações extratextuais” nos termos de Iuri Lotman (LOPES: 1993, pp. 92-96). Também nos termos de Graça Paulino (1995: pp. 13-14) “em seu sentido amplo, ela (intertextualidade) envolve todos os objetos e processos culturais tomados como texto (...) o texto será sempre trecho de semiose cultural que se constitui como um processo constante”.

Mário de Andrade experiencia, cultural e textualmente, toda essa intertextualidade, que, também, pode ser entendida como um tipo de eufemismo do termo antropofagia (MASSAUD, 1982: p. 427), quer implícita, quer explícita. De qualquer modo, vale dizer que, *Macunaíma*, resultado de muitas pesquisas e leituras diversas, é uma obra da diversidade, das diferenças e da multiculturalidade.

É nesse prisma que, aqui, aborda-se um pouco do Mário de Andrade de *Macunaíma* e *Macunaíma* de Mário de Andrade. Este que foi figura exponencial do Modernismo literário e multicultural brasileiro.

Nascido em 1893, na capital paulista, época em que a cidade vive diuturnamente o *frenesi* do desenvolvimento industrial, o que vai levá-la à posição de maior metrópole da América Latina. Ressaltam-se, também, as grandes e fortes influências das vanguardas europeias – Futurismo, Cubismo, Dadaísmo, Expressionismo, Surrealismo.

Deve ser ressaltada, também, a influência da visão de mundo pelos vieses unanimista e pacifista de Mário de Andrade. Os unanimistas procuravam conseguir a união da humanidade do eu coletivo do poeta comprometido com a reformulação (LOPEZ, 1972, p. 22). Mário de Andrade demonstra o seu unanimismo não somente nos primeiros momentos criativos, mas também em momentos subsequentes e, por que não dizer, durante toda sua vida artística. O pacifismo se harmoniza com o unanimismo pela idéia de fraternidade; poesia como “uma realidade vivencial voltada para a comunicação entre os homens vistos em sua problemática essencial e existencial, sem implicações de ordem econômica” (LOPEZ, 1972, p. 22). Isso, de certa maneira, é um tipo de espiritualismo

social; união da humanidade; uma espécie de ecumenismo artístico e literário.

Há, ainda, influências científicas e filosóficas. Afinal, esse contexto serviu de parâmetro e diretrizes ao conhecimento no século XX; energizou, sobretudo, a modernidade artística e literária no Brasil: citam-se, como exemplo, “a relatividade de Einstein; a psicanálise de Freud; a filosofia de Nietzsche e a teoria econômica de Marx” (CADERMATORI, 1985, p. 72). Assim, ficam registrados e ressaltados o Autor Mário de Andrade, seu espaço e seu momento histórico.

É nesse contexto de instabilidade e questionamentos políticos e ideológicos; de rupturas e de choques multiculturais que Mário de Andrade vive, convive e, aos 32/33 anos, escreve *Macunaíma*, no final do primeiro momento modernista nacional, obra que, por fugir do cânon, pode ser estudada como pós-moderna ou se lida à luz da “modernidade leve” do cientista social Zygmunt Bauman, (2001: pp. 132-137) como uma obra literária líquida.

MACUNAÍMA

Macunaíma é um texto *sui generis*. Ao começar pelo próprio nome *Macunaíma* que significa “o grande mal” como diz Manuel Cavalcanti Proença, “Entretanto o herói é múltiplo. Quase poderia escrever como Mário: ‘Eu sou trezentos’. Encarno uma enorme variedade de personagens, ora boas, ora más, ora ingênuas; quase sempre ingênuas” (1977: p. 9).

À luz do *canon* literário seria uma obra ‘desgenerizada’ por estar à parte de qualquer classificação nos moldes tradicionais. Pois pela tradição as obras literárias são classificadas e conhecidas pelo gênero ao qual pertencem. Por exemplo: épico, lírico e dramático, com suas respectivas subdivisões. Todavia, em se tratando da obra em questão, não é enquadrável em nenhuma dessas divisões clássicas unilateralmente classificadas. Afinal, *Macunaíma* não apresenta gênero fixo. Por isso não é romance, novela, conto, crônica ou poema; é, porém tida e havida como uma rapsódia. Esta, como conceitua Massaud Moisés vem do grego *rhapsoidía; rhapsoidós*, declamador (1982: p. 427). E ainda segundo Massaud: “designava, na Grécia antiga, a recitação de fragmentos de poemas épicos...” (Idem, p. 427).

O livro *Macunaíma* (ANDRADE: 1989) se compõe, nos seus dezessete capítulos, de fragmentos superpostos parataticamente como se fossem fragmentos autônomos. Assim,

passa a obra aberta, exigindo do seu leitor, no processo de “recepção” da obra, uma participação ativa a fim de fechá-la com as suas próprias conclusões, ainda que parciais.

A obra sabidamente carnavalescante e polifônica, termos usados por Graça Paulino (1995, pp. 12 e 14), apresenta os interrelacionamentos e imbricações entre mitologias, raças, etnias (africanas e indígenas), costumes e culturas variadas, demonstrando um exercício de vivência e convivência com as diferenças, o que motiva abordagens, debates e discussões sempre contextualizadas, as quais se iniciam, grosso modo, com o Modernismo literário nacional, século XX e se estende ao atual século XXI.

São pertinentes as palavras de João Luiz Lafetá, ao falar sobre Macunaíma:

... parecem ter sido não apenas fruto da inspiração, mas também de longos estudos sobre mitologia indígena e sobre o folclore nacional, realizados pelo escritor durante vários anos, além de profundas observações sobre os costumes e a língua cotidiana dos brasileiros (1974, p. 67).

Falando sobre as múltiplas facetas do herói, o antropólogo Darcy Ribeiro afirma:

Ser Macunaíma, o herói de nossa gente, a meu juízo, só pode ser porque ele veste a carne que nos veste; porque é a carapuça que nos cabe, a nós brasileiros. Falo, é claro, não de nós, do clube dos contemplados, mas do brasileiro-massa, povão, desde sempre humilhado e ofendido, o que, aparentemente, é toda uma contradição.

Na verdade de Mário, Macunaíma é nossa razão catártica. O brasileiro dele e o do carnaval, da caçoadada folclórica, da gente que, cantando, dançando, ironizando, rindo – inocente e sem medo – se vinga de quem, além de oprimi-lo e explorá-lo, ainda quer fazer sua cabeça. A consciência popular brasileira se faz inviolável, insubornável, não se deixando invadir e dominar, é graças a este escudo brincalhão do riso e da malícia. Se não fosse assim, todos seríamos eleitores guiados pela TV, resignados com a pouca vergonha que campeia por aí. Você não acha? (1988, p. XVIII)

Há de se ressaltar que a obra se faz e se perfaz por fragmentos de domínios diversos, como já ditos, caracterizando-se como uma produção resultado de um processo de intertextualidade. Esta, vale dizer, é uma ação da elaboração de um texto utilizando-se de outros textos anteriormente produzidos. A propósito, Graça Paulino *et al* tratando da “cultura como um jogo intertextual”, escrevem:

Se se considerar toda e qualquer produção humana como texto a ser lido, reconstruído por nós, a sociedade pode ser vista como uma grande

rede intertextual, em constante movimento. O espaço da cultura é, pois, intertextual (...). Em seu sentido amplo, ela (intertextualidade) envolve todos os objetos e processos culturais tomados como textos (...)... o texto será sempre trecho de semiose cultural que se constitui como um processo constante (1995: pp. 12-14).

Para criação da obra, Mário de Andrade recorreu a muitas fontes chamadas, por Proença, de “os livros-guias” (GUMBOSKI & CIT: 2011, p. 21). Por exemplo, o segundo volume da obra de Koch Grümberg, intitulado “*Vom Roraima Zum Orinoco (De Roraima ao Orinoco)*” - de 1917, o livro de Capistrano de Abreu “*Língua dos Caxinauás*”, o livro “*O Selvagem*” de Couto de Magalhães, “*Ao som da viola*”, de Gustavo Barroso; “*Coletânea de Campos*” – Basílio de Magalhães e “*Contos Populares*” – Silvio Romero.

Com isto ficam caracterizadas multidiscursividade, polifonia e práticas intertextuais, culturais e interculturais na obra marioandradina em estudo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A rapsódia, nome dado ao texto macunaímico, por seus fragmentos paratáticos, suas relações implícitas e explícitas com obras diversas; diálogos e imbricações com domínios variados; seu pluralismo étnico; inter cruzamento do popular com o erudito; por sua fluidez e leveza - na terminologia baumaniana -, pode ser estudada como uma obra pós-moderna, apesar de classificada pela história literária nacional, como uma obra modernista.

A obra construída sob a influência das vanguardas européias e motivada pela busca da consciência nacional. A propósito o herói Macunaíma afirma: “tudo vai num descalabro... sem comedimento (ANDRADE: 1989, p. 65). E ainda na mesma obra o herói apresenta o seu famoso dístico: “pouca saúde e muita saúva / Os males do Brasil são! (Idem, p. 72). É uma criação de ruptura com a tradição e o imobilismo literários, além de demonstrar uma miscigenação dos gêneros, não havendo mais um gênero fixo. É de se entender que esta mistura dos gêneros nas artes motiva, também, novas abordagens, novos debates e novas configurações dos gêneros em geral em todos os domínios.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Mário de. **Macunaíma** – herói sem nenhum caráter. 26 ed., Belo Horizonte: Itatiaia Limitada, 1989.

BARTHES, Roland. **O rumor da língua**. 3ª Ed., São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012. (Tradução Mario Laranjeira).

BEZERRA, Paulo. In: **BAKHTIN: Conceitos-chave**. 4 ed., 4ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2010. (org.) BRAIT, Beth.

GUMBOSKI, Leandro & CIT, Simone. O Mosaico – Revista de Pesquisa em Artes da Faculdade de Artes do Paraná. - Número 5 – jan./jun 2011 | ISSN: 2175-0769 | <http://goo.gl/nuqUp>. acessado em 11/08/2013.

LAFETÁ, João Luiz. **1930: a crítica e o Modernismo**. São Paulo: Duas cidades, 1974.

LOPES, Edward. **A palavra e os dias**: Ensaios sobre a teoria e a prática da literatura. São Paulo/Campinas: Editora UNESP/Editora UNICAMP, 1993.

LOPEZ, Tele Porto Ancona. Mário de Andrade: **MACUNAÍMA - o herói sem nenhum caráter**. Edição crítica. Telê Porto Ancona Lopez, coordenadora. Paris: *Association Archives de la Littérature latino-américaine, des Caraïbes et africaine du XX^e siècle*. Brasília, DF, 1988. (Coleção arquivos: v. 6)

MASSAUD, Moisés. **Dicionário de Termos Literários**. 3 ed., São Paulo: Cultrix, 1982.

PAULINO, Graça *et al.* **Intertextualidades**: teoria e prática. Belo Horizonte: Editora LÊ S/A, 1995.

PROENÇA, Manoel Cavalcante. **Roteiro de Macunaíma**. 4 ed., Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977.

RIBEIRO, Darcy. **Macunaíma – o herói sem nenhum caráter**. Universidade do Texas, Allca XX, 1988.